

2 - Michel Pêcheux

os limites de um projeto

Renan Belmonte Mazzola

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MAZZOLA, RB. Michel Pêcheux: os limites de um projeto. In: *O cânone visual: as belas-artes em discurso* [online]. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2015, pp. 69-96. ISBN 978-85-7983-671-8. Available from: doi: [10.7476/9788579836718](https://doi.org/10.7476/9788579836718). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/staff/book/id/bywgd/attachs/9788579836718.epub>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

MICHEL PÊCHEUX: OS LIMITES DE UM PROJETO

Em nossa trajetória de investigação da emergência da imagem de arte como objeto da análise do discurso, é preciso retornar à história conceitual dessa disciplina para a compreensão do lugar ocupado pelas reflexões acerca da imagem. A leitura dos últimos textos de Pêcheux revela a mutação dos objetos da análise do discurso entre 1980 e 1983. Para examinarmos esse período com maior acurácia, devemos considerar a divisão seguinte:

- i. Michel Pêcheux e seus trabalhos;
- ii. A análise do discurso enquanto projeto teórico.

Gostaríamos de esclarecer com essa divisão que, enquanto “projeto teórico”, a análise do discurso poderá levar em conta diversas materialidades discursivas a partir das alianças com outras teorias, a partir do pensamento de seu fundador que persistiu além de sua morte, a partir dos desenvolvimentos da teoria discursiva em outros territórios e em outros momentos históricos. Por outro lado, se considerarmos Pêcheux e seus escritos unicamente, observaremos que ele nunca deixou de trabalhar com o discurso político-partidário verbal – destacamos as reflexões sobre o enunciado “On a gagné” (Pêcheux, 2002). Ao elencar, a seguir, os trechos em que Pêcheux menciona a pintura e seu funcionamento em um dado discurso e em uma dada sociedade enquanto materialidade de legitimação do

discurso verbal, compreenderemos em alguma medida qual era o papel das artes plásticas com relação aos discursos ideológicos, regentes dos demais tipos de discursos. Com efeito, retomar esses trechos permite de igual maneira observar as interpretações que deles foram feitas, ao longo dos tempos, por especialistas do discurso.

Nota sobre o primeiro momento da análise do discurso (1969-1975)

Sabemos que a análise do discurso, na sua “primeira época” (Pêcheux, [1983] 1997b), buscava apreender discursivamente os enunciados verbais, haja vista o mecanismo de análise automatizada, o *corpus* da AD-1 e a inflexão de Pêcheux pela teoria saussuriana nesse primeiro momento, que é marcadamente centrado na relação que Pêcheux estabelece com Louis Althusser (1983), acerca do conceito de ideologia. O objeto de análise constituía-se de grandes textos políticos escritos e os dispositivos de análise se voltavam unicamente para eles. A principal preocupação desse período pousava na questão do método estruturado, e isso pode ser facilmente observado na segunda parte do livro *Análise automática do discurso*, de Pêcheux ([1969] 1997a), cujo destaque se volta para os cálculos matemáticos e algoritmos que descrevem o dispositivo de análise automatizada do processo discursivo, que se realizava por meio da ajuda de recursos informáticos para o processamento de grandes quantidades de *corpora*. Ao analista cabia interpretar os dados (sempre linguísticos) obtidos após a automatização, relacionando-os com: a) a ideologia; b) com os sujeitos; e c) com o histórico-social.

Nota sobre o segundo momento da análise do discurso (1976-1979)

Em sua “segunda época”, alguns dogmas herdados da fase anterior foram relativizados e sofreram um tímido “afrouxamento”. Em 1975, ano da publicação de seu segundo grande livro, *Semântica e*

Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio, Pêcheux ([1975] 1995a) relativiza a tese do sujeito estritamente assujeitado pela ideologia com a formulação dos dois esquecimentos, segundo a qual o sujeito possui algum controle sobre os enunciados verbais que emite. Em 1982, foi adicionado a esse livro um anexo escrito três anos após a publicação de *Semântica e Discurso*, intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação” (Pêcheux, [1982] 1995c) que relativiza alguns procedimentos e revê certos conceitos aplicados na primeira versão de 1975. Em outro texto anexo, no mesmo livro, esboça-se a possibilidade de se considerar a propaganda política enquanto elemento da linguagem da revolução socialista, cuja “retórica apresenta-se a serviço do verdadeiro, no qual intervêm elementos que tocam primeiro os olhos e o coração antes de atingir o espírito” (Pêcheux, 1995b, p.284).

Nota sobre o terceiro momento da análise do discurso (1980-1983)

É nessa terceira fase – de 1980 em diante – que se estabelece, em grande parte, nosso trabalho, pois percebemos um afastamento de Pêcheux com relação às teses althusserianas e uma aproximação com as teses foucaultianas. Sobretudo, gostaríamos de destacar dois pontos sobre a “terceira época”: a abordagem das falas ordinárias – mesmo que ainda no campo político-partidário – e as reflexões acerca da imagem enquanto operador de memória social. Em seu livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, por exemplo, Pêcheux ([1983] 2002) debruça-se sobre um enunciado político comum: “On a gagné”, pronunciado pelos eleitores de François Mitterrand, do partido de esquerda, que ganhara as eleições para presidente da República Francesa no dia 10 de maio de 1981. Esse enunciado, segundo Pêcheux, é atravessado por discursividades da mesma maneira que os escritos doutrinários, pois revela uma estrutura¹

1 “On a gagné Ø”: sujeito indefinido *on*, referindo-se indeterminadamente aos militantes do partido esquerdista francês ou ao povo geral da França; ausência

e integra um acontecimento.² A partir de então, as formulações cotidianas, tomadas “no ordinário do sentido”, passam a integrar o *corpus* do analista de discursos. Em *Papel da memória*, Pêcheux ([1983] 2007) e outros autores abordam a questão das materialidades não verbais enquanto lugar de inscrição da memória social. Nesse texto, Pêcheux delinea algumas reflexões acerca da imagem – pensada como instância atravessada pela história e pela memória no processo de circulação discursiva – e questiona sua posição com relação a Roland Barthes. Esses dois pontos serão retomados mais adiante.

As últimas palavras de um autor inquieto

Michel Pêcheux, em seus últimos textos, já alertava para as transformações do discurso político, sem, no entanto, se deter nos desdobramentos das tecnologias de comunicação de massa e futuras conseqüências de sua popularização para a percepção do homem público. Embora fosse consciente da mutação dos discursos com relação à mídia emergente, esses apontamentos aparecem sob a forma de breves menções, e a ausência de um maior aprofundamento impede a plena ancoragem de afirmações a esses trechos.

Nos seus *últimos textos*, Michel Pêcheux fala das mudanças do discurso político, reiterando que esse campo discursivo estava, já

de complemento, levando ao questionamento “ganhamos o quê?”. Em uma partida de futebol, a resposta é óbvia, mas e no terreno da política? Ademais, devemos lembrar que esse enunciado é deslocado do campo do esporte, motivo pelo qual se observa o estranhamento no momento de sua irrupção (Pêcheux, [1983] 2002).

2 Para Pêcheux ([1983] 2002, p.17), o acontecimento se estabelece “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória.” Ao isolarmos o enunciado “*On a gagné*”, percebemos que a irrupção desse acontecimento na história se inscreve em uma atualidade, ao mesmo tempo em que retoma uma memória proveniente do esporte, que se configurava como “campo primeiro” de existência desse enunciado, antes de seu deslizamento para o campo da política.

naquele período, amplamente midiaticizado. A “língua de madeira” (dura e hermética) havia se transformado em “língua de vento” (flexível, cotidiana, mas quase nada referencial), e as eleições pareciam cada vez mais manifestações esportivas transmitidas pelas mídias. As modificações do objeto de análise já haviam imposto transformações teóricas e metodológicas: já era o tempo da “heterogeneidade”, da busca por novas vias, distanciando-se de uma vulgata do marxismo althusseriano, de novas “materialidades discursivas”, da emergência das noções de *memória discursiva*, de *acontecimento discursivo* etc. Mas, apesar das sugestões de Pêcheux, ainda não era chegado o tempo de considerar, de fato, o discurso político no tempo das mídias. (Piovezani Filho, 2007, p.113, grifo nosso)

Segundo Piovezani Filho (2007), os “últimos textos” de Pêcheux, nos quais ele discorre sobre as mudanças no discurso político, são:

- *A língua inatingível* (Gadet; Pêcheux, [1981] 2004).
- *Delimitações, inversões, deslocamentos* (Pêcheux, [1982] 1990b).
- *O discurso: estrutura ou acontecimento* (Pêcheux, [1983] 2002).
- Ao lado desses três textos sugeridos, incluímos também, por nossa conta:
- *Ouverture du colloque* (Pêcheux, [1981] 1981b).³
- *L'énoncé: enchâssement, articulation et dé-liaison* (Pêcheux, 1981c).
- *Papel da memória* (Pêcheux, [1983] 2007).
- *Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso* (Pêcheux, [1984] 1998).
- *Metáfora e interdiscurso* (Pêcheux, [1984] 2012).

Percorreremos esses textos com vistas a encontrar os trechos em que Pêcheux discorre sobre elementos que significam além ou ao

3 Os dois textos de Pêcheux (1981b; 1981c) fazem parte da mesma ata do colóquio realizado entre 24 e 26 de abril na Université Paris X – Nanterre. As atas do colóquio *Materialités discursives* foram publicadas em 1981, pelas Presses Universitaires de Lille.

lado da verbalização, isto é, trechos em que Pêcheux aponta para uma análise de discursos de diversas naturezas, mais do que para uma análise do discurso político escrito.

Destaque sobre *Delimitações, inversões, deslocamentos*

Nesse texto, Pêcheux trata do ausente, invisível ou simbólico na linguagem, a partir de três revoluções: a) revolução burguesa de 1789; b) revoluções socialistas do séc. XIX; c) revoluções proletárias do séc. XX. Trata-se de um estudo de longa duração, uma vez que contempla três séculos. Pêcheux almeja abordar o não presente na representação dos povos e do poder na sociedade em que essas revoluções se instalaram. Essencialmente, Pêcheux nos diz que a ausência é constitutiva da linguagem e que ela aparece sob a forma de variados elementos: negação, hipótese, desejo, subjuntivo, formas de presente/passado/futuro, imperativo, “eu” diferenciando-se de “nós”, a alteridade encontrada em “ele(s)” e “ela(s)” etc. Consideremos o seguinte trecho:

Abstrações como “o povo”, “as massas”, “o proletariado”, “a luta de classes” *podem ser mostradas (pintadas, filmadas ou televisionadas) enquanto conceitos, sem disfarces?* E não ocorre o mesmo com o inconsciente freudiano? (Pêcheux, [1982] 1990b, p.8, grifo nosso)

Pêcheux questiona, aqui, se uma abstração pode ser pintada sem disfarces. Sabemos que “o povo”, “as massas” etc. são conceitos para a teoria marxista. A questão posta por Pêcheux revela uma crítica à objetividade dos conceitos marxistas e, por consequência, remete a uma revisão das bases do projeto teórico da análise do discurso, pois as abstrações, sofrendo influência de disfarces, do inconsciente, do simbólico etc., tornam-se conceitos marcadamente ideológicos, isto é, já transfigurados e isso turvaria a visão do pesquisador. Além disso, buscando aqui preocupações com as

mutações dos discursos em função da mídia emergente, deparamo-nos, na penúltima página desse texto, com a seguinte afirmação:

O nazismo não recomeçará provavelmente como tal, mas “o ventre ainda está fecundo”, e ele gera a cada dia meios mais eficazes para dominar o que lhe resiste: as “línguas de vento” [nota 27] se aperfeiçoaram consideravelmente desde os anos 30 na arte da anestesia e da asfixia.

Do médium em transe que se tornou visível pela sua voz na Alemanha radiofônica de 1933, até os fantasmas audiovisuais das mídias contemporâneas, que progressos na arte de fazer marchar as massas, produzindo-lhes o invisível!

A eficácia destes disfarces consiste em que “as massas” permanecem aí tão invisíveis a si mesmas, tão irrepresentáveis como conceitos. E esta fantasmagoria espectral funciona tão bem, aparentemente, que certos pensadores chegam a enunciar que o real não passa de uma armadilha, uma rede de simulacros, uma autoprodução do discurso da sedução... “O poder não existe”, diz Baudrillard, esforçando-se para esquecer Foucault! Não é esta a melhor maneira de cair no regaço materno do poder estatal contemporâneo?

O poder existe, e ele dispõe até de uma vantagem bastante considerável, ao menos na Europa, sobre as forças suscetíveis de colocá-lo em causa: mas por detrás do esgotamento da figura clássica do porta-voz, por detrás do desregramento dos performativos políticos legítimos, começa também uma nova transformação das relações do visível com o invisível, com o irrealizado e o inexistente, que o poder combate com a multiplicidade de espectros [nota 28]. (Pêcheux, [1982], 1990b, p.19-20)

Consideramos importante também transcrever a nota 28: “Porque o olho é ainda mais crível que o ouvido: diferentemente de um enunciado, uma imagem não tem alhures; não se pode aplicar a ela uma ‘transformação’ negativa ou interrogativa” (Pêcheux, [1982] 1990b, p.24). Essa nota representa a diferenciação que Pêcheux compreende entre os termos “enunciado” e “imagem”: Para Pêcheux,

nesse texto em particular, “enunciado” refere-se, evidentemente, aos enunciados verbais; e a imagem não apresenta sintaxe, não pode ser negada, não pode transformar-se em uma pergunta. A imagem é afirmação.

Destaque sobre *O discurso: estrutura ou acontecimento*⁴

Pêcheux apresenta-nos três elementos para analisar discursivamente os enunciados: a) o acontecimento; b) a estrutura; e c) a tensão entre descrição e interpretação. Dessa maneira, ele elenca três caminhos a serem seguidos:

Para entrar na reflexão que empreendo aqui com vocês, sobre o discurso como estrutura e como acontecimento, imagino vários caminhos muito diferentes.

Um primeiro caminho seria tomar como tema um *enunciado* e trabalhar a partir dele; por exemplo, o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] tal como ele atravessou a França no dia 10 de maio de 1981, às 20 horas e alguns minutos (o *acontecimento*, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória).

Um outro caminho, mais clássico, na aparência (mas o que é clássico hoje?), consistiria em partir de uma *questão* filosófica; por exemplo, o da relação entre Marx e Aristóteles, a propósito da ideia de uma ciência da estrutura. [...]

E então? Não seria melhor (terceiro caminho possível) eu me ater sabiamente ao domínio “profissional” no qual me encontro, bem ou mal, minha referência: o da tradição francesa de análise de discurso? [nota 1]. Por exemplo, levantando, na configuração dos problemas teóricos e de procedimentos que se colocam hoje

4 Publicado originalmente em inglês, em 1983, com título *Discourse: structure or event?*, fruto de uma conferência intitulada “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições” na Universidade de Illinois Urbana-Champaign, de 8 a 12 de julho de 1983.

para essa disciplina, o da relação entre a análise como *descrição* e a análise como *interpretação*? (Pêcheux, [1983] 2002, p.16-17, grifo do autor)

É possível abordar um *corpus* imagético por meio dos três pontos supracitados, isto é, tratar dos enunciados como acontecimentos, no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória. As categorias citadas por Pêcheux podem dar conta de abordar os discursos políticos que atravessam o acontecimento. No entanto, trata-se aqui de problematizar a questão da estrutura de uma imagem ou de uma pintura, isto é, de que maneira elas poderiam ser analisadas não segundo categorias derivadas da apreensão do signo linguístico,⁵ mas a partir da estrutura formal de outros sistemas de signos. Mais especificamente, trata-se da descrição da estrutura, que deve atravessar necessariamente os debates sobre o signo visual, mesmo que esse debate conduza invariavelmente à língua como sistema supremo por meio do qual se pode descrever todos os outros sistemas.

Voltando à questão que nos interessa aqui, qual seja, a de destacar trechos nos quais podemos observar a preocupação de Pêcheux com a mídia emergente, como na constituição dos efeitos de sentido produzidos no momento da eleição de François Mitterrand, somos levados à página 19:

Paris, 10 de maio de 1981, 20 horas (hora local): a imagem, simplificada e recomposta eletronicamente, do futuro presidente da República Francesa aparece nos televisores... Estupor (de maravilhamento [sic.] ou de terror): é a de François Mitterrand!

Simultaneamente, os apresentadores de TV fazem estimativas calculadas por várias equipes de informática eleitoral: todas dão F. Mitterrand como “vencedor”. No “especial-eleições” desta noite, as tabelas de porcentagem põem-se a desfilar. As primeiras reações dos responsáveis políticos dos dois campos já são anunciadas, assim

5 Cf. Roland Barthes (1977; 1990).

como os comentários ainda quentes dos especialistas de politicologia; uns e outros vão começar a “fazer trabalhar” o acontecimento (o fato novo, as cifras, as primeiras declarações) em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar: o socialismo francês de Guesde a Jaurès, o Congresso de Tours, o Front Popular, a Liberação...

Esse acontecimento que aparece como o “global” [*] de grande máquina televisiva, este resultado de uma super-copa de futebol político ou de um jogo de repercussão mundial (F. Mitterand ganha o campeonato de Presidenciáveis da França) é o acontecimento jornalístico e da mass-media que remete a um conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (o veredito das cifras, a evidência das tabelas) e profundamente opaco. (Pêcheux, [1983] 2002, p.19-20)

Ou então, mais adiante:

Tomados pelo ângulo em que aparecem através da mídia, os resultados eleitorais apresentam a mesma univocidade lógica. O universo das porcentagens de resultados, munidos de regras para determinar o vencedor é ele próprio um espaço de predicados, de argumentos e relações logicamente estabilizado: desse ponto de vista, dir-se-á que no dia 10 de maio, depois das 20 horas, a proposição “F. Mitterand foi eleito presidente da República” tornou-se uma proposição verdadeira; ponto final. (Pêcheux, [1983] 2002, p.23)

Embora M. Pêcheux comente a presença da mídia no momento da eleição de Mitterrand, trata-se das consequências do acontecimento novo: como a mídia tratou de evidenciar o acontecimento por meio de cifras, gráficos, tabelas, primeiras declarações. Nesse sentido, o acontecimento parece ser transparente. Pêcheux reconhece a mídia, aqui, após o acontecimento histórico, como mais um espaço de circulação de discursos, e não como dispositivo de formulação discursiva antes da eleição, ou no período de campanha eleitoral. No segundo trecho, a mídia continua a ser encarada como

um espaço em que os discursos lógicos são dados a circular, colocando em evidência o acontecimento: leia-se “ciências logicamente estabilizadas”, representadas pelas porcentagens de resultados. O fato é indubitável, provado e comprovado: Mitterrand é o novo presidente francês.

Uma consideração, contudo, chama a atenção em meio à célebre análise do enunciado “On a gagné”, realizada por Pêcheux: aquela sobre a entoação com que o enunciado é proferido.

A materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem o conteúdo nem a forma nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político [nota 2]. “On a gagné” [“Ganhamos”], *cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-ga-gné/dô-dô-sol-dô)* constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva [nota 3] do espectador-torcedor se converte *em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era improvável.* (Pêcheux, [1983] 2002, p.21, grifo nosso)

Observamos aqui que Pêcheux tinha consciência que a entoação com que o enunciado foi proferido também produzia um efeito de sentido, sem, no entanto, deter-se nela. Considerar a entoação do cântico requer concordar que outros sistemas de signos contribuem para a produção dos efeitos de sentido produzidos a partir do acontecimento histórico: a análise da “atividade coletiva gestual e vocal” requer ultrapassar os limites do enunciado linguístico “On a gagné” e considerar a soma dos elementos significativos: enunciado linguístico + entoação do cântico + gestualidade dos sujeitos empíricos. Pêcheux remete a outros cânticos na nota n. 2:

Cf., por oposição, os slogans políticos “clássicos” dos anos 60-70, construídos sobre os ritmos de marcha: “ce n’est / qu’un

début / continuons le / combat!" ["é só / um começo / continuemos o / combate"] ou "nous voulons / nous aurons / sa / -tisfaction!" ["nós queremos / nós teremos / sa / tisação"]. (Pêcheux, [1983] 2002, p.59)

Pêcheux sabia da existência da mass-media e da entoação dos slogans cantados, sem, contudo, se ater nelas. Não há aprofundamento dessas questões, o que nos faz concluir que alguns desses pontos são polêmicos nos últimos textos de Pêcheux. "Ele já alertava para essas questões", dirão uns; "Ele não as desenvolveu propriamente, apenas tangenciou tais questões", dirão outros. De fato, quem irá pensar nas mutações contemporâneas do discurso político a partir da interferência de elementos semiológicos pela via da história é Jean-Jacques Courtine.

Destaque sobre *L'énoncé: enchâssement, articulation et déliaison*

Pêcheux afirma, uma vez mais, na última nota de rodapé n. 4, o que se segue:

Régis Debray commente les effets politiques de l'effondrement du discours classique, irruption ambiguë de nouvelles formes dont il désigne l'enjeu: "la connaissance de la langue française suffit pour lire les *Cahiers du Communisme* et la *Revue des deux Mondes*, mais il faut connaître l'américain pour savourer *Actuel* ou *Libération*" (Debray, 78). L'Amérique dans les têtes, s'infiltrant dans le langage ? Ce n'est sans doute pas aussi simple, *mais on assiste bien en tout cas à une transformation de conditions discursives de la lutte idéologique*. Un exemple sur le cas des phrases nominales: dans l'*Humanité* les phrases nominales apparaissent dans les descriptions, les effets esthético-idéologiques de mise en place du cadre «concret», «vécu»; les phrases classiques à enchâssement réapparaissent avec les énoncés politiques «pensés». Il est frappant de constater que cette opposition tend à s'effacer dans l'écriture d'un

journal comme *Libération*, où l'effet de déliaison (interruption, incise, phrase nominale) affecte aussi les énoncés directement politiques. (Pêcheux, 1981c, p.148, grifo nosso)

Nesse trecho, o autor admite uma certa mutação das “condições discursivas da luta ideológica”, em função do desabamento do discurso clássico. Ainda assim, Pêcheux concentra-se no enunciado verbal – especificamente nas formas de aparição da frase nominal em descrições, no jornal *Humanité* –, e na maneira pela qual os jornais, como o *Libération*, tendem a enunciar o discurso político de forma diferente de como faziam anteriormente. Assim, as mutações dos discursos presentes na mídia foram observadas por Pêcheux, nesse texto, exclusivamente em sua dimensão verbal.

Destaque Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso

Após fazer um levantamento sobre as vizinhanças teóricas da análise do discurso – que são a linguística, a história e a psicanálise –, Pêcheux alerta para a mudança de objeto desse campo:

A construção teórica da intertextualidade, e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como uma das questões cruciais dessa retomada, conduzindo a Análise de Discurso a se afastar mais e mais de uma concepção classificatória que dava um privilégio que se revela cada vez mais contestável aos discursos escritos oficiais “legitimados”. (Pêcheux, [1984] 1998, p.48)

Essa constatação pode ser colocada ao lado da afirmação feita em *O discurso*: estrutura ou acontecimento, em que Pêcheux alerta para o fato de que é preciso se pôr na escuta dos enunciados cotidianos, tomados no ordinário do sentido. Uma das principais mutações do objeto da análise do discurso, cremos, a partir dos últimos textos de Pêcheux, é a inflexão em direção às formulações cotidianas de sen-

tido, mas poucas linhas são de fato redigidas com relação ao suporte midiático e aos outros sistemas de signos.

Destaque sobre *Papel da memória*⁶

Pêcheux comenta os trabalhos apresentados em um Colóquio realizado na École Normale Supérieure de Paris em abril de 1983. Evidentemente, todos os trabalhos têm como grande tema o “papel da memória” em vários campos do conhecimento: sociolinguística e análise do discurso (Pierre Achard); semiótica e sociosemiótica do espaço (Jean Davallon); e semiótica sobre o gestual da sociedade ateniense clássica (Jean-Louis Durand). Tratou-se de abordar “as condições (mecanismos, processos...) nas quais um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória” (Pêcheux, [1983] 2007, p.49-50). A inscrição de um acontecimento na memória (leia-se: espaço plural das memórias, isto é, no entrecruzamento da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador) representa um risco, em razão da confluência de naturezas diversas de memória. Essa questão induz Pêcheux a levantar a problemática do lugar da linguística entre as disciplinas de interpretação: “No que concerne aos múltiplos registros [de inscrição de memória], que formam uma continuidade problemática entre a linguística e as disciplinas de interpretação (restando saber em que medida a linguística é ou não uma disciplina de interpretação)” (Pêcheux, [1983] 2007, p.50).

Retomando a ideia da análise do discurso enquanto “projeto teórico”: se partirmos do momento de éclat do acontecimento histórico, é possível analisar todo o tipo de materialidade, pois as diversas naturezas significantes compõem o acontecimento histórico,

6 O conjunto de quatro textos apresentados no livro *Papel da memória* constitui a seção temática “Papel da memória” inserida em *História e Linguística*, uma publicação das Atas da Mesa Redonda “Linguagem e Sociedade”, do Colóquio da *Ecole Normale Supérieure*.

ora para representá-lo, ora para alterá-lo, ora para inscrevê-lo na memória. A partir desse princípio, o discurso analisado é composto por diversas materialidades que se apresentam sob a forma de um conjunto incontornável em sua totalidade: o arquivo. A língua, a imagem, a música, os gestos, todos esses elementos aglutinam-se sob a égide da regularidade de um acontecimento histórico, e são repetidos pela mídia.

O que nos parece de destaque em *Papel da memória*, é que ele reúne o conjunto de apresentações feitas com o intuito de pensar o papel que a análise da imagem – enquanto operador de memória social – pode desempenhar nas teorias de interpretação, sob o ponto de vista do funcionamento da memória que se inscreve ou não. Um dos poucos momentos em que Pêcheux trata da materialidade da imagem é para negar sua sintaxe, mesmo concordando que existam percursos e programas de leitura na imagem:

O fato de que possa existir localização de traços distintivos e de oposições pertinentes na esfera do icônico, por exemplo, não conduziu ninguém a supor que, mesmo para uma sincronia dada, haveria universais do icônico (pessoalmente, a impensabilidade de uma sintaxe do icônico me parece marcada pela inexistência da negação e da interrogação no interior da imagem). [...] Na transparência de sua compreensão, uma imagem mostraria como ela se lê, quer dizer, como ela funciona enquanto diagrama, enquanto trajeto enumerativo. (Pêcheux, [1983] 2007, p.51)

Um outro momento em que ele se pergunta sobre a materialidade da significação é:

Fecho este parêntese para retornar à questão da interpretação em análise de discurso: P. Achard caracterizou esse movimento de retirada provisório do sentido e da vontade de interpretar, lembrando o provérbio chinês “Quando lhe mostramos a lua, o imbecil olha o dedo”. Com efeito, por que não? Por que a análise de discurso não dirigiria seu olhar sobre os gestos de designação antes

que sobre os designata, sobre os procedimentos de montagem e as construções antes que sobre as significações? A questão da imagem encontra assim a análise de discurso por um outro viés: não mais a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória “perdeu” o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições). (Pêcheux, [1983] 2007, p.55)

Pêcheux interroga-se por que a análise do discurso não trataria da imagem de maneira opaca, a partir dos gestos de designação, ou seja, a partir dos elementos formais da imagem. Esses gestos permitem compreender o modo como uma imagem é construída, observando seus traços, cores, volumes, matizes, enquadramento etc. Abordar os elementos formais da composição de uma imagem permite compreender melhor como ela expressa seu conteúdo (significado) a partir de sua forma (significante). Ambas as dimensões devem ser consideradas pelo analista. A confirmação de que Pêcheux pensou por um momento na relação entre texto e imagem mostra-se nas últimas linhas de seu texto:

Reencontramos, assim, para finalizar, a questão da relação entre a imagem e o texto: no entrecruzamento desses dois objetos, onde estamos, tecnologicamente e teoricamente, hoje, com relação a esse problema que, após Benveniste, Barthes designou com o termo “significância”?

Em que pé estamos com relação a Barthes? Barthes era tanto linguista dos textos como teórico das imagens, ou de preferência não era nem um nem outro (quer dizer, nem linguista, nem semiólogo, nem analista) mas antes de tudo o esboço contraditório de gestos que tentamos hoje reencontrar, e que ele soube agenciar à sua maneira talvez única, quer dizer, em pessoa – logo também, e de maneira equívoca: como pessoa?” (Pêcheux, [1983] 2007, p.55-56)

Mais uma vez, trata-se de algumas linhas no final de um texto, que dão margem às duas conhecidas afirmações: “Mas ele apontou para as relações entre texto e imagem”, dirão uns; “mas ele não as desenvolveu propriamente”, dirão outros. Não há mais tempo, Michel Pêcheux estaria morto cinco meses após proferir o texto presente nas páginas de *Papel da memória*.

O discurso estético: raras aparições

Durante a pesquisa que deu origem a este livro, descobrimos que Pêcheux menciona essa natureza de discurso, encontrada frequentemente nos trabalhos de Foucault. Nos trechos acima, pudemos observar as mutações do principal objeto da análise do discurso: o discurso político. Além disso, observamos também que alguns elementos antes desconsiderados (a voz, a entoação, os gestos, sua transmissão pelo rádio, pela tevê), a partir das menções de Pêcheux, passaram a ser características do enunciado, como que traços dele, produzindo efeitos de sentido.⁷ Ainda assim, o objeto de análise de Pêcheux continua a ser o discurso político-partidário. No entanto, Pêcheux não impede a análise do discurso de seguir por outras vias:

De meu lado, (mas exprimo aí um ponto de vista que não me é pessoal: é uma posição de trabalho que se desenvolve na França atualmente [24]) eu sublinharia o extremo interesse de uma aproximação, teórica e de procedimentos, entre as práticas da “análise da linguagem ordinária” (na perspectiva anti-positivista que se pode tirar da obra de Wittgenstein) e as práticas de “leitura” de arranjos discursivo-textuais (oriundos de abordagens estruturais).

Encarada seriamente (isto é, de outro modo que apenas uma simples “troca cultural”) essa aproximação engaja concretamente

7 Vale sublinhar que M. Pêcheux não se aprofundou nas características específicas desses traços enunciativos.

maneiras de trabalhar sobre as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, *nas formas culturais e estéticas*, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido. (Pêcheux, [1983] 2002, p.49, grifo nosso)

Evidencia-se que a opção pela análise de enunciados político-partidários é uma posição pessoal. Já a posição de trabalho da análise do discurso,⁸ na França, no início dos anos 1980 (Pêcheux cita os trabalhos de Courtine na nota 24) já caminhava em outras vias.⁹

No fim de *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso*, em que Pêcheux ([1984] 1998) problematiza a noção de sujeito, destituindo-o de todo poder que crê possuir (viver em sociedade, possuir um inconsciente, obedecer ao sistema da língua), deparamo-nos com o seguinte trecho:

Sobre os universos discursivos logicamente estabilizados tomados como tais (trata-se essencialmente do discurso das Ciências da Natureza, do das tecnologias, e mesmo do dos sistemas administrativos tomados em seu funcionamento formal), a Análise de Discurso não tem grande coisa a dizer: é o campo de exercício privilegiado da nova interdisciplina designada pelo termo de Inteligência Artificial, onde o modelo do sujeito epistêmico pode aplicar-se facilmente.

8 Ainda aqui nos referimos à divisão efetuada anteriormente: i. Michel Pêcheux e seus trabalhos; ii. Análise do discurso enquanto projeto teórico. A “posição pessoal” refere-se aos trabalhos escritos pelo próprio Pêcheux, enquanto a “posição de trabalho” remete ao projeto teórico da análise do discurso, isto é, ao pensamento que continuou além do mestre.

9 Transcrevemos aqui a nota n. 24 do livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*: “Para maiores detalhes sobre o desenvolvimento da análise de discurso na França, ver os números 4 e 6 da revista *Mots*, e o conjunto da coletânea já citada, *Matérialités Discursives* (em particular os artigos de J.-J. Courtine e J.-M. Marandin ‘Quel Objet pour l’Analyse du Discours?’ e de A. Lecomte ‘La Frontière Absente’). Ver igualmente J.-M. Marandin ‘Approches Morphologiques en Analyse de Discours’” (Pêcheux, 2002, p. 64).

O campo da Análise de Discurso, ao contrário, *é determinado pelo campo dos espaços discursivos não estabilizados logicamente, dependendo dos domínios filisófico, sócio-histórico, político ou estético*, e, portanto, também dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizado. (Pêcheux, [1984] 1998, p.54, grifo nosso)

O espaço discursivo estético é colocado ao lado do espaço discursivo político como determinante do campo da análise do discurso. A arte, integrante do universo discursivo não estabilizado logicamente, pode submeter-se à análise, uma vez que se constitui como território humanístico.

Em um artigo publicado em 1984, originalmente em alemão, Pêcheux (2012)¹⁰ afirma:

Nosso empreendimento supõe, parece-me, levar a sério a noção de *materialidade discursiva* enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada.

Desse ponto de vista, a decisão de não restringir, a priori, o estudo do material textual aos objetos literários consagrados, parece-me extremamente interessante e positiva: ela permite interrogar os processos de construção da referência discursiva em toda sua extensão, compreendendo tanto a Alltagsprache (e a Alltagsfiktion) quanto os discursos científicos, técnicos, políticos e estéticos. (Pêcheux, [1984] 2012, p.151-152)

Ainda aqui, trata-se de estudar outras materialidades sempre com relação ao discurso político. Em geral, nesses três últimos trechos apresentados, mostra-se a possibilidade de trabalhar as ma-

10 Este texto foi traduzido da versão francesa do artigo apresentado em primeira versão em alemão: “Metapher und Interdiskurs”, in J. Link e U. Wulfing (Eds.), *Bewegung und Stillstand in Metaphern und Mythen*, Stuttgart, Klett-Cotta, 1984, p. 93-99.

terialidades discursivas implicadas nas formas estéticas. Ainda assim, parece-nos que Pêcheux está a falar de “condições verbais de existência”, por exemplo, “o discurso impressionista” enquanto o que foi dito sobre o movimento impressionista, pois “permite interrogar os processos de construção da referência discursiva [que não são os objetos literários consagrados, mas outros materiais textuais] dos discursos estéticos” (Pêcheux, [1984] 2012). O trecho revela a complexidade do pensamento de M. Pêcheux, que ora ancora as formas estéticas no discurso político-ideológico, ora redireciona as formas estéticas como domínios que determinam o campo da análise do discurso, sem explicitar essas mesmas relações com o político-ideológico, mas interpretando-as como correlacionadas. Vejamos a interpretação desse trecho específico de Pêcheux por Eni Orlandi (2012a, p.18-19):

Aqui merece destaque o parágrafo de um de seus textos – “Metáfora e interdiscurso” que tive o privilégio de traduzir: “nosso empreendimento supõe, parece-me, levar a sério a noção de materialidade discursiva [...]” Em seguida ele propõe não se restringir, a priori, o estudo do material textual aos objetos literários consagrados mas a interrogar os processos de construção de referência discursiva compreendendo os discursos científicos, técnicos, políticos e estéticos.

Por isso, do meu ponto de vista, não se justificam as posições restritivas nem os toma lá dá cá de pesquisadores que disputam “seus” objetos de análise como propriedades privadas: esses são os objetos da análise de discurso. São materiais de reflexão para todo analista de discurso: os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, o silêncio e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição para os processos de significação.

Consideramos que esses trechos de Pêcheux sugerem aberturas, apontam caminhos; e se somarmos suas afirmações às condições de instalação da análise do discurso no Brasil, instauram-se, de ma-

neira mais consistente, as diversas materialidades discursivas como âncoras que ajudam a pensar as diferentes naturezas do discurso político.

A política burguesa começava, produzindo um novo tipo de relação ao alhures e ao inexistente (o “nós”, o “todos” e o “cada um” nas assembleias, as festas revolucionárias, o novo exército... e a língua nacional): o feudalismo havia mantido a ordem dominante *traduzindo-a* em formas específicas (representações, imagens) destinadas às classes dominadas. A particularidade da revolução burguesa foi a de tender a absorver as diferenças rompendo as barreiras: ela universalizou as relações jurídicas no momento em que se universalizava a circulação do dinheiro, das mercadorias... e dos trabalhadores livres. (Pêcheux, [1982] 1990b, p.10, grifo do autor)

O discurso estético, antes da revolução de 1789, servia como ferramenta da ordem dominante, regida pelo discurso religioso. Dessa maneira, não só os ensinamentos religiosos (bíblicos) eram transmitidos por meio de vitrais e pinturas à população iletrada. Essas materialidades transmitiam a própria ordem política das sociedades em que se inscreviam. Nesse caso, o discurso estético era subordinado ao discurso religioso, regido pela ideologia dominante, derivado da Igreja. A arte, nessa perspectiva, era atravessada – mais pertinente seria dizer “constituída” – por estratégias de dominação.

Alguns esclarecimentos são necessários para que melhor entendamos a natureza dos discursos: primeiramente, não é possível afirmar que existe um momento específico a partir do qual o objeto da análise do discurso deixou de ser verbal e passou a apresentar-se também sob a materialidade imagética, sonora, gestual etc. No limite, essas reflexões emergem mais quantitativamente nas pesquisas ancoradas na “terceira época” da análise do discurso, mas essa questão é complexa, porque qualquer uma dessas materialidades pode fazer parte do processo discursivo desde que parta dele, vinculando-se a um discurso ou a uma formação discursiva específica. Assim, segundo Pêcheux ([1982] 1990b; [1984] 1998;

[1983] 2002; [1983] 2007; [1984] 2012) considera-se a) o discurso e b) as diversas materialidades geradas a partir desse discurso, para legitimá-lo. Demonstremos:

Seja um trabalho em análise do discurso que busca compreender o funcionamento do discurso político de esquerda no Brasil (eis a Formação Discursiva). Para tanto, os seguintes elementos poderão ser considerados, com a condição de que se vinculem a essa mesma formação:

- i. os enunciados verbais (orais ou escritos) gerados a partir desse discurso (tomando-se “discurso” como sendo, ao mesmo tempo, regra de formação e conjunto de todos os enunciados verbais que se vinculam a essa formação discursiva específica (“o discurso de esquerda no Brasil”) que circulam nos programas políticos (escritos) e nas mídias (jornais, revistas, rádio, tevê, internet);
- ii. os enunciados imagéticos que circulam nos programas políticos e na mídia (jornais, revistas, tevê, internet);
- iii. materialidades mistas que enunciam junto a um discurso, como as charges políticas ou propagandas políticas presentes em jornais impressos, na tevê e na internet;
- iv. os gestos tomados como enunciado ou elemento de enunciado ora nas falas presenciais (comícios) ora nas falas registradas e reproduzidas (horários eleitorais gratuitos na tevê, debates políticos, comunicados oficiais etc.);
- v. as entonações da fala tomadas como enunciado ou elemento de enunciado ora nas falas presenciais (comícios) ora nas falas registradas e reproduzidas (emissões de rádio, e novamente nos horários eleitorais gratuitos na tevê, debates políticos, comunicados oficiais etc.).

Esse método se mantém para grande parte dos gêneros do discurso: para o discurso político, religioso, jurídico, econômico, médico, artístico etc. Neste livro, evidenciamos o discurso artístico, cuja análise gera igualmente resultados interessantes. Observaremos o funcionamento discursivo de um conjunto de pinturas das escolas renascentista e impressionista europeias, principalmente, pois é nessas

escolas que muitas das imagens contemporâneas e suas respectivas paródias visuais vão buscar a memória, a referência, o tom.

É preciso problematizar, num primeiro momento, a pintura enquanto objeto da análise do discurso. No entanto, isso não se dá naturalmente, uma vez que esse campo foi concebido, em 1969, para a análise de enunciados verbais e políticos. Por esse motivo, as reflexões presentes neste livro adquiriram consideravelmente uma espessura de questionamentos teórico-epistemológicos, com vistas a demonstrar o percurso de mutações da teoria discursiva e dos olhares para seu principal objeto: o discurso político. A partir principalmente da segunda metade da década de 1970, em que muitas reformulações foram realizadas no seio da análise do discurso, e também a partir dos diálogos estabelecidos entre Pêcheux e Foucault, observamos a via pela qual a pintura pôde ocupar o lugar de objeto dessa disciplina. Tencionamos destacar essas mutações no campo da análise do discurso, os deslizamentos realizados, as aberturas concedidas, os limites impostos, para que se possa analisar uma pintura a partir do mirante da análise do discurso sem, contudo, desvincular-se dos princípios fundantes desse campo do saber. Dessa maneira, compreenderemos como a teoria avançou sem ignorar seus princípios e, ao mesmo tempo, sem perder sua fecundidade. Isso aconteceu por conta de sua principal característica: a interdisciplinaridade.

Em linhas gerais, podemos dizer que, na obra de Pêcheux, a pintura – e, por extensão, a arte – serve à manutenção de um discurso político (retomamos como exemplo o feudalismo, enquanto modo de organização social e político, que traduz a ordem dominante em representações e imagens) analisado por Pêcheux em sua dimensão verbal (remetendo às condições verbais de existência dos objetos), ou seja, a pintura é tratada como referência discursiva. Abordar a pintura por meio de Pêcheux exige encarar a arte como “algo a ser lido e interpretado corretamente”, exige um movimento de análise que intencione desvelar a ideologia dominante por trás de uma pintura, exige um movimento de leitura que considere a maneira como ela traduz a ordem dominante às classes dominadas. Encarar a pintura por meio de Pêcheux exige vincular a arte à política, além

do que nos faltam categorias analíticas para descrevê-la. Abordar a pintura por meio de Pêcheux exige remetê-la sempre às condições verbais de existência dos discursos, e nunca tratar da materialidade discursiva por ela mesma, a partir de seus próprios elementos formais. Consideramos que a materialidade pictórica, no pensamento pêcheutiano, traduz-se em legitimação do discurso verbal analisado, (a mesma função desempenhada por uma ilustração em um livro didático: a de legitimação). No limite, essa reflexão reflete uma das interpretações possíveis das linhas escritas por Pêcheux e destacadas por nós. A partir dessas perspectivas de Pêcheux com relação à imagem, empreendemos a análise da *Falsa sonrisa* (disponível em: <<http://www.letra.org/spip/spip.php?article1034>>), segundo alguns conceitos da análise do discurso:

i. *Condições de produção e campo discursivo*. Não ignoramos os problemas que essa noção (CP) possui,¹¹ No entanto, gostaríamos de situar histórico-ideologicamente o enunciado que analisamos. Segundo Orlandi (2012b, p.30), “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. Visando a essa circunstanciação, disponibilizamos as seguintes informações sobre o site *Consume hasta morir*, do qual a releitura foi extraída:

ConsumeHastaMorir es una reflexión sobre la sociedad de consumo en la que vivimos, utilizando uno de sus propios instrumentos, la publicidad, para mostrar hasta qué punto se puede morir consumiendo. Este proyecto nace en Madrid en el año 2002, dentro de la asociación Ecologistas en Acción, confederación de ámbito estatal fruto de la unificación, en 1998, de más de 300 grupos ecologistas. Desde entonces, mantenemos el sitio web *consumehasta morir.com*, elaboramos contrapublicidad gráfica y

11 “Tentamos mostrar que a noção de CP do discurso apresenta um conteúdo ao mesmo tempo empírico e heterogêneo. Queremos acrescentar que esse conteúdo é igualmente *instável*” (Courtine, 2009, p. 51, grifo do autor).

audiovisual, escribimos textos, impartimos talleres o participamos en procesos de creación colectiva junto a otros colectivos sociales.¹²

Tal imagem emerge da intersecção entre as regiões discursivas da economia e da ecologia, se considerarmos que o capitalismo é um sistema político-econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada, visam ao lucro e degradam o meio ambiente. Tanto o consumo quanto o consumismo – embora tenham sentidos diferentes – são fenômenos desse sistema político-econômico. O consumo difere-se do consumismo na medida em que, neste, existe o consumo exagerado de bens e serviços; e naquele, as pessoas adquirem somente o que é necessário para sua sobrevivência. Nessas regiões do discurso, podemos observar ao menos dois posicionamentos diferentes: aquele favorável ao consumismo, e aquele anticonsumista. Este último é o posicionamento do *site* *Consume hasta morir*.

ii. *Memória discursiva*. A partir de Courtine (2009), temos a noção de memória discursiva funcionando no lugar de formação discursiva, uma vez que esta pressupõe aquela. Como descrever o funcionamento da memória em *Falsa sonrisa*? Para Courtine (2009, p.106, grifo do autor),

os objetos que chamamos “enunciados”, na formação dos quais se constitui o saber próprio a uma FD, existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as “formulações” são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*. É então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma “conjuntura discursiva”, e que designamos como efeito de memória.

A formulação desse enunciado visual possui uma dimensão imagética, diferentemente do que Courtine esteve pensando, no

12 Disponível em: <www.consumehasta morir.org>. Seção *Quiénes somos*. Acesso em: 21 out. 2015. Grifo do autor.

Discurso comunista endereçado aos cristãos, para a materialidade dos enunciados analisados.

A análise do discurso francófona, quer ela se inspire em M. Foucault ou em M. Pêcheux, coloca o acento sobre a existência de uma memória não psicológica, de uma *memória discursiva* (Courtine, 1981, p.51-53). Esta concerne o modo de existência dos enunciados (um texto religioso não possui a mesma relação de memória que um texto jornalístico) mas também a própria construção da identidade de um posicionamento.¹³ (Maingueneau, 2009, p.85, grifo do autor, trad. nossa)

Esse posicionamento a que se refere Maingueneau já foi demonstrado por nós como anticonsumista em um campo discursivo político-econômico. É necessário, nesse momento, explicitar onde a formulação imagética busca a memória, de onde ela retira os já-ditos:

Falsa sorriso é marcada por uma espécie de sobreposição de dois ícones visuais: a figura de *Monalisa* e a figura de Ronald McDonald. Ao mesmo tempo, eles estão presentes em *Falsa sorriso* sob a forma de memória. Diante da releitura, reconhecemos de imediato a figura de *Monalisa*, mas algo está diferente: o batom vermelho, o nariz de palhaço e as sobrancelhas arqueadas estão sobrepostos às características originais de seu rosto; o cabelo vermelho e a roupa levemente amarelada também não eram assim. Logo, reconhecemos a referência a Ronald McDonald que transfigura *Monalisa*. No segundo plano, quase toda a paisagem queima, exceto o que parece ser uma placa, um grande M que se destaca sob o céu nublado. *Sorriso falso* é o título dessa imagem.

13 L'analyse du discours francophone, qu'elle s'inspire de M. Foucault ou de M. Pêcheux, met l'accent sur l'existence d'une mémoire non psychologique, d'une *mémoire discursive* (Courtine, 1981: 51-53). Cela concerne le mode d'existence des énoncés (un texte religieux n'a pas le même rapport à la mémoire qu'un texte de journal) mais aussi la construction même de l'identité d'un positionnement.

iii. *Movimentos interdiscursivos*. Tanto no cânone (disponível em: <<http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/mona-lisa-portrait-lisa-gherardini-wife-francesco-del-giocondo>>) quanto na paródia, o sorriso é o elemento que condensa, no plano visual, os sintomas de uma época. Cinco séculos separam as duas criações e suas condições de produção. Observar o sorriso de Monalisa é essencial para a compreensão da pintura de Leonardo. No intercurso, a paródia mobiliza saberes legitimados sobre a pintura (discursos de tipo científico), como é o caso da história da arte. Segundo Gombrich (2001, p.300, trad. nossa), as obras do *quattrocento* italiano, concebidas aos moldes de Mosaccio, têm um traço comum: “suas figuras apresentam algo áspero e duro, algo imóvel”.¹⁴ O que impressiona na tela de Leonardo é justamente a aparência de vida da personagem. Ela parece transformar-se diante de nossos olhos. “Nós vemos às vezes em seus olhos uma nuance de escárnio e às vezes nós percebemos uma melancolia em seu sorriso. É este o mistério da mais famosa das obras de arte”¹⁵ (Gombrich, 2001, p.300, trad. nossa). Esse efeito extraordinário é atingido a partir de algumas técnicas empregadas pelo pintor italiano: a principal delas é o *sfumato*, isto é, a pouca nitidez dos contornos. Com os contornos suavizados do sorriso e das pálpebras, não identificamos ao certo a expressão exata do rosto. Por essa razão, o sorriso de Monalisa é misterioso; os limites de seu contorno dependem da percepção do espectador. Foi assim que Leonardo pôde captar a alma da modelo e traduzi-la em pintura.

Na paródia, os traços do rosto de Ronald McDonald são os responsáveis pela inserção da formulação no discurso de posicionamento anticonsumista, uma vez que a rede de *fast-food* McDonald's é um dos maiores símbolos do capitalismo, e é uma das maiores empresas em sua área de atuação. Na fusão desses dois ícones visuais, os discursos que os acompanham se rearranjam no momento da

14 Leurs figures ont quelque chose d'âpre et de dur, quelque chose de figé.

15 Nous lisons parfois dans ses yeux une nuance de moquerie et parfois nous percevons de la mélancolie dans son sourire. C'est là le mystère des plus hautes œuvres d'art.

irrupção do acontecimento imagético – que é a paródia – “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (Pêcheux, [1983] 2002, p.17). Por isso, a construção da significação não se dá apenas pela soma das figuras de Monalisa e de Ronald McDonald. Mobiliza-se, nessa fusão, uma outra teia interdiscursiva, diferente daquelas que compõem cada imagem isoladamente. Isso é conseguido no movimento mútuo das imagens: o sorriso é falso. De um lado, a dúvida, a indeterminação e a ilusão próprias da obra de Leonardo são transferidas para a rede de fast-food. De outro, o logo do McDonald’s compõe o cenário devastado da paródia.

Na perspectiva de Pêcheux (2009), o deslocamento semântico da imagem origina-se na formação discursiva da arte (o Renascimento italiano) e encaminha-se para uma formação discursiva político-econômica (crítica ao capitalismo) por meio da mobilização da memória, que é manipulada na sobreposição de ícones visuais. Segundo Pêcheux (2009, p.147, grifo do autor), “*as palavras, expressões, posições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referências às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inscrevem”. Assim,

i. é nesse sentido que podemos falar em movimentos semânticos da imagem;

ii. nota-se um retorno, no plano da imagem, à esfera política de produção de discursos.

Do estético ao político. A análise dessa formulação imagética re-encontra, dessa forma, a esfera que deu origem à fundação da análise do discurso em 1969: a política. Critica-se, por meio da paródia, um *modus vivendi* que se inscreve em uma atualidade semeada pela economia que é a nossa.

O que fizemos até aqui foi descrever os limites das formulações de M. Pêcheux com relação às materialidades discursivas, com destaque para os discursos estéticos. A seguir, seremos conduzidos aos trabalhos que se realizavam nos anos 1980 na França, em particular àqueles de J.-J. Courtine, que problematizaram os percursos da análise do discurso e delinearíamos as novas perspectivas desse campo.